

Setor de café vive expectativa de alta do consumo mundial

Seminário Internacional da Associação Comercial de Santos (ACS) discute, nesta semana, tendências do mercado

MARCELO SANTOS
DA REDAÇÃO

Em um cenário de aumento dos custos de produção e de inflação e dúvidas sobre o impacto do clima (geada ou seca) na oferta, mas expectativa de expansão do consumo, o setor cafeeiro se reúne na região nesta semana para discutir as tendências desse mercado. Organizado pela Associação Comercial de Santos (ACS), o Seminário Internacional de Café, que está em sua 23ª edição, será realizado nas próximas quarta e quinta-feiras no Sofitel Guarujá, Jequitimar.

O encontro é organizado a cada dois anos, mas esta edição será a primeira a reunir o setor desde o começo da pandemia, que ainda impõe desafios econômicos e sanitários. O tema escolhido pelos organizadores é Café. O quanto o Brasil está preparado?

"Estamos todos ansiosos nesse momento com essa junção. Será possível discutir os desafios do setor e ter como temas centrais descarbonização, temas relacionados ao meio ambiente e desafios logísticos, principalmente com a crise do mercado de navegação de contêineres, que dificulta os embarques das cargas. Será um momento enriquecedor", afirma o presidente da ACS, Mauro Sammarco.

O seminário é um dos mais tradicionais do setor cafeeiro e reúne produtores e executivos das empresas desse mercado, desde os segmentos de importação e exportação, indústria, varejo, logística e pesquisadores. Por isso, o encontro conta com a participação de profissionais do setor que vêm de diversos países para participar do evento, propiciando também negócios entre exportadores e importadores.

De acordo com o presidente do Conselho de Exportadores de Café do Brasil (Cecafé), Nicolas Rueda, em relatório da entidade, e o corretor de café Eduardo Carvalhaes, em entrevista a A Tribuna, o cenário é de uma menor oferta de arábica devido ao impacto climático (geada no ano passado e um ano e meio de seca) e aumento de custos com fertilizantes e contêineres.

"(...) O cenário logístico segue complicado em relação à disponibilidade de contêineres, navios e aos elevados custos e, mais recentemente, aos impactos do conflito na Ucrânia", afirmou Rueda, em relatório do Cecafé de março.

SECA E UCRÂNIA

Após um período de valorização das commodities em meio à interrupção das cadeias de produção dos vários setores da economia na pandemia, o mercado cafeeiro enfrentou geada e seca no ano passado e agora passa por mais pressão so-



Segmento de café passou por período de valorização da commodity, mas também com alta dos custos de produção e dos preços ao consumidor

PROGRAMAÇÃO

Quarta-feira

■ **13h30:** Abertura

■ **14h30:** Palestra Cenário Macroeconômico, com Sandro Mazerino Sobral, head de Mercados e Tradings do Santander.

■ **16h:** Michelle Burns, vice-presidente da Global Coffee Tea and Cocoa da Starbucks.

■ **17h:** Museu do Café de Santos.

■ **17h10:** Painel de CEOs com o tema O Brasil está bem posicionado na Cadeia Mundial de Café?, com Trishul Mandana, diretor-executivo da Volcafé (ED&F Man Coffee Division); Edward A. Esteve, chief Carbon Officer e Head da divisão de café da Ecom Agroindustrial; e David Neumann, da NKG.

Moderador: Carlos Alberto F. Santana Jr., da Eisa.

Quinta-feira

■ **9h:** Nucoffee Syngenta. Palestra Um novo olhar para a pós-colheita num cenário de mudanças climáticas, com Flávio Meira Boreim, professor da Universidade Federal de Lavras (UFLA).

■ **9h50:** Painel das Associações com o tema LMRS, Devida Diligência do Reino Unido, From Farm to Fork Strategy da UE, Sustentabilidade, Comercio e Logística - Uma visão conjunta da Europa, EUA e Brasil, com Bill Murray, CEO da National Coffee; Michael Von Luehrte, diretor-executivo da Swiss Coffee Trade As-

sociation; Eileen Gordon Laity, diretora-executiva da European Coffee Federation; e Marcos Matos, diretor-executivo do Cecafé. Moderador: Nicolas Rueda, da Volcafé.

■ **10h50:** Palestra Cenário Mundial, com Elber Justo, diretor-presidente da MSC

■ **11h50:** Painel Inovação e Carbono, com o tema Balanço de Carbono na Cafeicultura com Boas Práticas Agrícolas, com Ariadne Caballero, sócia-sênior da SP Ventures; Carlos Eduardo Pellegrini Cerrri, da Esalq/USP; Sílvia Pizzol, do Cecafé; e Renata Fragoza Potenza, coordenadora de Projetos de Clima e Emissões no Imafiora. Moderadora: Flávia Barbosa da Costa, do Cecafé.

PANORAMA

Principais consumidores

De acordo com dados levantados pela Associação Comercial de Santos (ACS), o principal comprador de café brasileiro no ano passado foram os Estados Unidos, com 5,67 milhões de sacas, o que corresponde a 19,1% do total. Em segundo aparece a Alemanha, com 5 milhões de sacas (16,8%), seguida de Bélgica e Itália, somando 2 milhões de sacas (6,8%), e Japão, com 1,8 milhão (6,3%).

Receita cambial

Segundo relatório do Conselho dos Exportadores de Café do Brasil (Cecafé), de janeiro a setembro do ano passado, a receita cambial gerada pela exportação do produto pelas fazendas brasileiras atingiu US\$ 4,17 bilhões.

Arábica e conilon

Com base em levantamento da Embrapa, o café do tipo arábica teve participação de 80,1% nas exportações no ano passado, com 23,8 milhões de sacas. O conilon foi responsável por 10,1%, com 3 milhões de sacas. Com 2,9 milhões, o solvelé correspondeu a 9,7% dos embarques, enquanto o torrado e moído teve o equivalente a 32,6 mil sacas exportadas (0,1%).

comércio exterior e se tornou um fator de grande preocupação dos produtores de café.

"Está muito difícil enxergar para onde vão os preços do café, que já foram mais altos", afirma Carvalhaes. "O café normal de boa qualidade já esteve perto de R\$ 1,6 mil a saca, mas hoje está por volta de R\$ 1,3 mil".

MAIS DEBATES

Segundo a ACS, o seminário traz ainda um panorama sobre clima, logística e sustentabilidade em relação ao setor de café. Serão discutidas questões climáticas, inovações em logística e a sustentabilidade na produção e no consumo.

bre seus custos com a invasão da Ucrânia pela Rússia. Como os dois países mais Belarus, aliada dos russos, são grandes fornecedores de fertilizantes, o agronegócio sofreu com o impacto das sanções impostas pelo Ocidente.

Além disso, a subida dos fretes com contêineres inflacionou os custos com o

Investimento em qualidade muda agronegócio do café

País mais que dobrou exportações em duas décadas; jovem sul-coreano é novo consumidor

MARCELO SANTOS

DA REDAÇÃO

De 20 milhões de sacas de café exportadas em 2000, o Brasil saltou para 45 milhões em 2019, um desempenho chamado de “extraordinário” pelo corretor de café Eduardo Carvalhaes. Essa expansão, entre vários motivos, como investimentos em produtividade, teve o empurrão do aumento do consumo mundial entre 2020 e este ano, em plena pandemia. “O crescimento do consumo mundial foi “espetacular”, completa Carvalhaes.

Entretanto, nem tudo é festa para o agronegócio cafeeiro. Além de geadas no último inverno, os agricultores enfrentaram uma seca que durou um ano e meio, de 2020 até novembro último. Países concorrentes também tiveram problemas nos últimos anos, como muitas chuvas na Colômbia e pragas na África.

A falta de chuvas atingiu o café arábica, o tipo mais nobre que se espalha pelo Sul de Minas, maior região produtora do mundo, e outros polos do grão no País.

No fim das contas, o aumento de consumo e a menor oferta devido ao clima hostil fizeram valer como nunca a lei da oferta e procura – os preços subiram tan-



HORIZONTE

MATHEUS TAGÉ - 23/5/20

“Talvez ocorra um reequilíbrio (de preços do café) em dez anos, mas isso também depende do clima.

E se tivermos uma nova geadas? Por isso, está muito difícil enxergar onde os preços vão chegar, que é a pergunta que todos fazem. Os preços já foram mais altos e há um ano atrás estavam a metade. Não dá para ver o horizonte”

Eduardo Carvalhaes
Corretor de café

to para os compradores como para o consumidor final nos supermercados. Segun-

do Carvalhaes, a saca de um café normal de boa qualidade, hoje a R\$ 1,3 mil, ficou perto de R\$ 1,6 mil, bem mais que há um ano.

A valorização da commodity já seria motivo de festa para o campo, mas o problema é que a seca reduziu a produção e, portanto, o crescimento das vendas. Por outro lado, fertilizantes, energia elétrica, diesel e até os contêineres da exportação elevaram os custos.

CONILON

Segundo relatório do Conselho de Exportadores de Café (Cecafé), aumentou a procura pelo conilon, modalidade usada no blend (mistura), o que permite um preço mais acessível ao importador ou no supermercado.

Carvalhaes lembra ainda que os estoques de café do governo eram utilizados em ano de produção baixa para amenizar a alta do preço. “Mas em 2018, os estoques acabaram pela primeira vez e logo veio a seca, assim como a pandemia, que aumentou o consumo”.

Por isso, ele afirma que está difícil apontar caminhos para os preços do café. Tudo depende do clima – a colheita começa entre o fim deste mês e início do próximo. Há ainda efeitos de mudanças climáticas e resistên-

cias da inflação, aqui e lá fora, à subida dos juros pelos bancos centrais do Brasil e dos EUA.

Em meio a questões de mercado, o corretor cita ainda uma melhora acentuada da qualidade do café brasileiro. O motor desse avanço é o investimento em pesquisa de instituições como o IAC (Campinas), Lavras e Viçosa (Minas), Esalq (Piracicaba), Incaper (ES) e principalmente Embrapa, o programa de qualidade do café torrado e moído desenvolvido nos anos 1990 no Estado e o selo lançado pela Associação Brasileira da Indústria do Café (Abic).

ÁSIA CONSUME MAIS

Segundo ele, o mercado passa por boas notícias em relação à expansão do consumo. “Há uma febre de consumo de café entre jovens na Coreia do Sul e a China já consome entre 4 milhões e cinco milhões de sacas por ano”. Os EUA lideram com 25 milhões e o Brasil, 23 milhões.

Mas, há desafios, como a competição das outras culturas por fazendas. A produtividade do trigo, milho e soja está em ascensão e pode tomar terras do café. “Assim fica difícil ter preço baixo para o café”.

Veículo: Impreso -> Jornal -> Jornal A Tribuna - Santos/SP

Seção: Economia Caderno: B Pagina: 1 e 2